

Charlie Mike: Canções militares e currículo oculto na formação de policiais militares

Charlie Mike: military songs and hidden curriculum in military police training

Anderson Duarte Barboza^I

^IPolícia Militar do Estado do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil

Resumo

O trabalho investiga o papel das canções militares não oficiais ou “Charlie Mike” na formação profissional inicial de policiais militares. Por meio de uma abordagem qualitativa e de um trabalho com inspiração autoetnográfica, seguido de pesquisa bibliográfica e documental, o artigo analisa como essas canções, sem regulamentação por parte das academias e escolas de formação, funcionam como parte do currículo oculto, atuando na socialização e produção de identidade dos alunos. Embora benéficas em alguns aspectos, elas podem disseminar conteúdos nocivos, influenciando negativamente os policiais. Conclui pela necessidade de maior supervisão dessas canções, bem como pela criação de fontes formais desse tipo de conteúdo para os discentes.

Palavras-chave: canções militares; currículo oculto; formação policial; socialização; redes sociais.

Abstract

This paper investigates the role of unofficial military songs, or “Charlie Mike” songs, in the initial professional training of military police officers. Using a qualitative approach and ethnographically inspired work, followed by bibliographic and documentary research, the article analyzes how these songs, unregulated by academies and training schools, function as part of the hidden curriculum, impacting students’ socialization and identity development. While beneficial in some ways, they can disseminate harmful content, negatively influencing police officers. It concludes that greater oversight of these songs is needed, as well as the creation of formal sources of this type of content for students.

Keywords: military songs; hidden curriculum; police training; socialization; social networks.



Introdução

As canções militares fazem parte da cultura dos cursos de formação dos militares em geral, sejam eles das Forças Armadas (Marinha, Exército e Aeronáutica), sob o comando da União Federal, ou dos estados da federação: policiais e bombeiros militares. É quase impossível conceber um curso de formação inicial dessas categorias que não inclua atividades físicas nas quais os alunos marcham ou correm “em forma” – formação dos indivíduos de uma tropa em linhas e colunas, formando uma figura geométrica na qual se conservam espaços regulares entre os elementos da tropa, os quais estão em situação de obediência total ao seu comandante – e, nesta atividade, não entoam canções, contagens ou brados.

Estas canções, por serem parte de uma tradição informal e quase sem regulamentação pelas instituições e, portanto, com pequena quantidade de documentos a respeito, são também pouco estudadas. Há alguns anos, porém, com a popularização de vídeos em redes sociais da internet e também, no caso do Brasil, com o sucesso do filme Tropa de Elite, a partir do ano de 2007, as canções militares passaram a ser mais conhecidas do público em geral, bem como dos próprios alunos dos cursos de formação. Especificamente, a canção mostrada no filme tem a seguinte letra: “homem de preto qual é tua missão?/ entrar pela favela e deixar corpos no chão/ homem de preto o que é que você faz?/ Eu faço coisas que assustam o Satanás/”. Com o conteúdo da letra revelado na película, cresceu a curiosidade sobre esses cânticos.

Este “efeito tropa de elite” parece ter se manifestado, entre outras coisas, também por meio das canções militares¹. Em 31 de julho de 2019, foi registrado, em uma comemoração pelos 13 anos do Batalhão de Polícia Tática (BPOT) da Polícia Militar do Pará (PMPA), conhecido como Rotam², um momento em que a tropa marcha cantando os seguintes versos: “Arranca a cabeça e deixa pendurada. É a Rotam patrulhando a noite inteira. Pena de morte à moda brasileira”. A solenidade ocorria diante do governador do Estado do Pará. O comando da PMPA se manifestou em nota, informando que “não se trata de um cântico oficial da Rotam ou de qualquer outra unidade da instituição”. Foi determinada pelo governo uma investigação pelos fatos (Rezende; Azevedo, 2019).

¹ Nascimento (2008) apresenta efeitos do filme Tropa de Elite, a exemplo do aplauso das plateias no cinema, bem como o fato de que, para muitos, o capitão Nascimento, protagonista do filme, foi tomado como herói. O Cel PM Ibis Pereira, ex-comandante-geral da Polícia Militar do Rio de Janeiro, em entrevista, afirma que “Depois do filme, o Bope adquiriu uma centralidade, um protagonismo que não tinha antes [...] Ao invés de servir como crítica, glamourizou aquele tipo de ação” (Menezes, 2017).

² O Batalhão de Rondas Ostensivas Táticas Motorizadas (Rotam) tem sua origem na antiga Companhia Independente Tática Operacional, criada em 27 de março de 2001. Posteriormente, essa unidade foi transformada em Batalhão de Polícia Tática (BPOT). Por fim, em 13 de janeiro de 2020, por meio da Lei Complementar nº 126, o Batalhão de Polícia Tática passou a ser denominado formalmente Batalhão de Rondas Ostensivas Táticas Motorizadas (ROTAM) (Chagas, 2023).

Já no estado de São Paulo, no mês de julho do ano de 2024, circulou nas redes sociais um vídeo em que soldados da Polícia Militar exaltavam, por meio de uma canção, o chamado “massacre do Carandiru”, evento ocorrido no ano de 1992, no qual, entre os anos de 2013 e 2014, 74 policiais militares foram condenados pela morte de 77 detentos na Casa de Detenção, na Zona Norte da capital paulista. Ao tomar conhecimento dos fatos contidos no vídeo, a Secretaria da Segurança Pública determinou uma investigação e afirmou que a canção “não condiz com as práticas da instituição” (Thomaz; Honório, 2024, n/p). O problema das canções, então, resta evidenciado.

Tais conteúdos, por serem aprendidos e ensinados de maneira informal, podem ser considerados como parte do currículo oculto, conceito apresentado por Jackson (2001). Aqui, ele é entendido como um conjunto de práticas não oficiais, ou seja, não presentes na matriz curricular de um curso ou nos planos de aula das disciplinas, mas que produz uma série de aprendizados não previstos, referentes a valores, atitudes e conhecimentos, com grande influência na formação e na socialização dos discentes de um determinado curso ou ação educacional.

Neste artigo, portanto, proponho-me a discutir as relações entre as canções militares não oficiais – atualmente chamadas também de *Charlie Mike* – entoadas durante os cursos de formação de policiais militares e o currículo oculto. Busco explicar o que são essas canções, bem como conceituar currículo oculto, a partir de uma revisão de literatura. Em seguida, indico possíveis efeitos das canções militares na construção de parte da subjetividade dos policiais militares.

Importante destacar que o tema tem especial relevância por tratar de assunto comum a praticamente todos os cursos de formação inicial de policiais militares, em qualquer estado da Federação, apontando um fenômeno que pode auxiliar na compreensão da formação de identidade do policial militar em um período tão marcante e significativo, que permite o seu ingresso na instituição (Poncioni, 2014).

1. Notas metodológicas

A metodologia utilizada para o trabalho aqui relatado foi, em primeiro lugar, de inspiração autoetnográfica, seguida de pesquisa bibliográfica e documental, com uma revisão narrativa. A abordagem do trabalho é qualitativa, concentrando-se nos significados, valores e em aspectos subjetivos observados a partir do objeto selecionado. O caráter exploratório é caracterizado pelo fato de a pesquisa incursionar por um campo pouco abordado no âmbito da pesquisa acadêmica em segurança pública.

No tocante ao uso da autoetnografia como inspiração – embora saiba que este trabalho não se enquadra nesta categoria, cuja metodologia envolve a descrição densa de fatos ocorridos com o autor –, valendo-me dos ensinamentos de Ellis *et al.* (2015), ressalto que, além de pesquisador, sou oficial da Polícia Militar, no posto de capitão PM³, com participação ativa na formação de policiais militares, na condição de coordenador de pelotão⁴ e docente. A pesquisa que dá origem ao presente artigo foi motivada, inclusive, por minha experiência como coordenador de um pelotão do curso de formação de soldados da Polícia Militar, ocorrida em meados do ano de 2024, quando passei a observar as letras de canções disseminadas entre vários pelotões.

Portanto, em alguns momentos, a minha impressão estará evidente no relato, ciente de que se trata de uma observação particular e não de caráter universal. Como ensinam Blanco (2011) e Ellis *et al* (2015), a autoetnografia é, ao mesmo tempo, produto e processo, acreditando-se que a experiência pessoal, ou os elementos biográficos de um determinado autor, podem servir como ferramenta de leitura de uma determinada realidade cultural.

Na revisão narrativa, tentou-se dar conta da produção acadêmica nacional e internacional sobre o tema, seja em livros ou artigos publicados em periódicos. A partir de uma busca do termo “canções militares” na plataforma Google Acadêmico, obteve-se 213 resultados. Selecionou-se, então, aquelas referências que efetivamente tratavam das “Charlie Mike”, ou seja, de canções não oficiais, objeto deste estudo.

Adota-se, como horizonte teórico-metodológico, o método hipotético-dedutivo, na medida em que se levantou a hipótese de que as canções militares não oficiais possuem participação no chamado currículo oculto dos cursos de formação, atuando na produção de subjetividades dos discentes, conforme se buscou investigar.

2. As Canções no Universo dos Militares: Canções Oficiais e Não Oficiais

As canções militares são parte da cultura dos treinamentos militares. Elas compõem o conjunto de rituais que fazem dos militares um grupo social específico. Em outras palavras, é fácil reconhecer que um conjunto de pessoas agrupadas em forma, correndo e cantando, provavelmente é uma tropa de militares em treinamento.

³ Os cargos das polícias militares seguem uma hierarquia na qual são divididos em carreiras, sendo a carreira dos oficiais (do posto de segundo-tenente a coronel PM) destinada ao comando, ensino e gestão das instituições, e a carreira de praças (da graduação de soldado a subtenente PM) destinada à execução do serviço operacional, bem como ao auxílio e apoio às atividades desempenhadas pelos oficiais.

⁴ Denominação dada à turma de discentes que ocupam uma sala de aula e sempre estão “em forma” juntos, geralmente com até 30 alunos

Como aponta Costa (2020), as canções militares fazem parte do processo de iniciação dos neófitos, funcionando como rito de passagem que ajuda a desenvolver unidade e a difundir os valores institucionais em cada um dos indivíduos. Fermeiro (2024), ao apresentar as canções revolucionárias cantadas pelos militares em Moçambique, ressalta seu potencial de contribuição para a unidade da nação, mesmo em sua diversidade.

Existem as canções oficiais, que são aquelas estabelecidas e regulamentadas por meio de portaria ou outro documento oficial, as quais geralmente são relativas à própria instituição ou aos órgãos que a compõem. Essas canções costumam ser cantadas em eventos ceremoniais, com reverência e de forma uníssona por todos os presentes. No caso do Exército Brasileiro, por exemplo, entre as mais cantadas estão a Canção do Exército (também conhecida como a Canção do Soldado), a Canção da Infantaria, a Canção do Expedicionário e a Canção Fibra de Herói.

No caso das corporações militares estaduais, cada polícia militar e corpo de bombeiros possui sua canção específica, cantada em caráter solene, geralmente na posição de “sentido”, na qual o militar, individualmente ou em forma, fica imóvel. A título de exemplo, para que se perceba a transmissão de valores, a linguagem formal e a evocação de símbolos e feitos históricos da instituição, veja-se a letra da canção da PMCE:

Corporação pujante e valorosa/ Que lutou sempre e sempre lutará/ Pelo esplendor da pátria gloriosa/ Polícia Militar do Ceará/ Raça de fortes, povo de bravos/ Radiosa terra do nosso amor/ Jamais quiseste filhos escravos/ Nós mostraremos o teu valor/ Honra e civismo: eis a legenda heroica/ Que nossos atos guia e nos conduz/ Nós descendemos de uma raça estoica/ Cujo berço é a imortal Terra da Luz!/ Raça de fortes, povo de bravos/ Radiosa terra do nosso amor/ Jamais quiseste filhos escravos/ Nós mostraremos o teu valor/ Exemplo de renúncia e de bravura/ Em derredor de nós vemos brilhar/ É o sertanejo audaz que o sol tortura/ É o jangadeiro ousado em frente ao mar/ Raça de fortes, povo de bravos/ Radiosa terra do nosso amor/ Jamais quiseste filhos escravos/ Nós mostraremos o teu valor/ Na história pátria surges sobranceira/ Ó secular milícia varonil/ Pois na guerra também nossa bandeira/ Já tremulou em nome do Brasil!/ Raça de fortes, povo de bravos/ Radiosa terra do nosso amor/ Jamais quiseste filhos escravos/ Nós mostraremos o teu valor/.

Sá (2002, p. 56-57), em seu trabalho etnográfico sobre a formação dos oficiais da PMCE, registra o momento em que a canção da corporação é cantada em uma solenidade:

O simbolismo da canção da PMCE é, neste ponto, também, bastante eloquente. E esta canção não é uma mera peça de museu, pois ocupa nas cerimônias da corporação um lugar de destaque, sendo cantada forçosamente com muita ‘vibração’ e a uma só voz (em um contexto ceremonial), criando a sensação de unidade ‘mística’ para o grupo, segundo uma demonstração obrigatória de sentimentos de unidade e de partilha de um destino comum.

Como se pode ver, as canções militares oficiais são elementos fundamentais da formação da cultura dos membros de uma instituição. Ao serem repetidamente entoadas, transmitem e reforçam os aprendizados, constituindo, elas próprias, uma doutrina que permite a criação de uma unidade de pensamento no que diz respeito à deontologia — isto é, à moral profissional que evoca. Como são canções estruturadas e instituídas por meio de normas, podem ser encomendadas por pessoas externas à corporação ou elaboradas de forma espontânea por algum integrante da instituição e, depois de verificação e regulamentação, adotadas oficialmente.

Um exemplo é a canção dos Comandos, que é a designação daqueles que representam as Forças Especiais do Exército Brasileiro⁵. Segundo Lisboa e Montenegro (2021, p. 398), a canção surgiu em 1983, durante um Curso de Ação de Comandos (CAC), “quando um dos instrutores instigou os alunos a apresentarem uma canção decente sob pena de não dormirem caso não cumprissem a missão”; um dos alunos, sargento, apresentou uma composição adaptada, que havia sido feita por ele originalmente em 1975, a qual foi adotada como oficial. Como se vê, embora possam surgir de maneiras inusitadas, esse tipo de canção passa por um rígido controle de qualidade, segundo as crenças institucionais.

Entretanto, há um outro tipo de canção militar. São as canções não oficiais, de caráter informal. Elas fazem parte de uma espécie de tradição oral das instituições e, como comenta Costa (2020), são improvisadas, pouco reguladas e não constam em qualquer manual ou em normas institucionais. Acrescenta-se que, pelo caráter extraoficial que assumem, não são sequer catalogadas ou supervisionadas, embora haja, na maioria dos regulamentos dos centros de formação, a orientação de que as canções sejam voltadas para os valores militares e não possuam qualquer caráter discriminatório, a exemplo da norma educacional citada por França (2012) em seu trabalho sobre a formação dos cadetes da Polícia Militar da Paraíba (PMPB).

Estas canções não oficiais, de forma distinta das primeiras, efetivamente caracterizam-se pelo que apresenta Costa (2020), ou seja, são materializadas por meio da voz humana, quase sempre sem qualquer apoio de instrumentos musicais. Elas são “entoadas sob o comando ou liderança de um militar, que inicia o canto o qual é respondido ou repetido pela tropa – grupo de militares – quando estão marchando ou correndo” (Costa, 2020, p. 187). Como já dito, não há um catálogo oficial dessas canções.

⁵ Segundo manual do Exército Brasileiro, as forças especiais “em termos gerais, podem ser caracterizadas por serem tropas de altíssimo desempenho que realizam missões especiais baseadas em suas capacidades específicas” (Brasil, 2017, p. 14).

O uso de música durante longas marchas militares, com a finalidade de marcar a cadência⁶ e animar as tropas, é registrado como uma prática antiga, que data de vários séculos, como explica Carvalho (2008). Segundo este autor, na Guerra do Paraguai, a banda de música que acompanhava os batalhões brasileiros tocava até mesmo durante os combates. Assim, tão logo os comandantes antigos perceberam a capacidade da música de influenciar a subjetividade humana, motivando as tropas ao mesmo tempo em que amedrontava os inimigos, a música passou a se desenvolver como um autêntico instrumento militar (Freitas, 2022).

Entretanto, esse modo de cantar em grupo, no qual um líder ou “puxador” designado entoa uma canção e os demais componentes da tropa repetem o que foi por ele cantado, tem sua origem a partir de fatos ocorridos em meados do século XX, durante a Segunda Guerra Mundial, sendo os seus eventos iniciais registrados em maio do ano de 1944 (Burns, 2012).

Segundo explicam LoConto, Clark e Ware (2009), no trabalho em que apresentam as raízes africanas das canções militares, em 1944, um soldado afro-americano chamado Willie Duckworth, durante o retorno da tropa ao quartel, iniciou sua canção, com modelo de chamada e resposta, sendo acompanhado por seus companheiros. Todo o acontecimento foi observado e relatado pelo comandante das tropas, coronel Bernard Lentz (Salley, 2015). “Logo”, continuam LoConto, Clark e Ware (2009, p. 102), “soldados estavam criando suas próprias cadências, personalizando-as para incluir contos sobre suas próprias unidades e soldados”. Salley (2015, p. 23), levanta ainda a possibilidade de Duckworth não ser necessariamente o criador do modelo, mas “simplesmente aquele que teve a sorte de ser ouvido por um oficial superior”, reforçando a origem africana desse tipo de canção, que era conhecido por muitos militares afro-americanos. O Departamento de Defesa dos Estados Unidos distribuiu uma publicação assinada pelo próprio Lentz, em 1955, que continha algumas canções também chamadas de *Duckworth chants* (Burns, 2012).

Em algum momento, essas canções passaram a ser chamadas, nos Estados Unidos da América (EUA), de “*jody calls*”, “*cadence calls*” ou simplesmente “*jodies*” (Burns, 2012), que fazem referência a *Jody*, personagem civil das canções que, enquanto o militar está no *front*, está flirtando com sua esposa, namorada ou irmã. À medida que mais mulheres ingressaram nas forças, *Jody* passou a ser representada também como uma mulher que aproveitava o conforto do lar ou mesmo que tentava seduzir o marido ou namorado do militar que estava em serviço (LoConto; Clark; Ware, 2009).

⁶ Veja-se, por exemplo, os trechos da canção citada por Burns (2012, p. 79–80): “Ain’t no use in callin’ home/ *Jody*’s on your telephone/ Ain’t no use in lookin’ back/ *Jody*’s got your Cadillac/ Ain’t no use in goin’ home/ *Jody*’s got your girl and gone”; tais versos podem ser traduzidos da seguinte forma: “não adianta ligar pra casa/ *Jody* está no seu telefone/ Não adianta olhar para trás/ *Jody* pegou seu Cadillac/ Não adianta ir pra casa/ *Jody* pegou sua garota e foi embora”.

Ainda sobre a personagem Jody, Burns (2012, p. 80) escreve que: “seu papel básico na narrativa militar é servir como uma ameaça à casa e à propriedade do soldado”, citando a semelhança entre essas canções militares e aquelas entoadas por prisioneiros em prisões estadunidenses de segurança máxima, também separados de suas pessoas amadas. As canções, então, no caso dos militares, funcionariam como entretenimento, mas também passam mensagens com suas letras, sejam de disciplina, ressentimento ou mesmo futilidades que desincentivam, de forma um tanto jocosa, a desistência dos treinamentos, ao tempo em que entretêm os militares e mantêm a sua unidade.

No Brasil, as canções militares, como já dito, são chamadas de Charlie Mike – nome dado por conta das letras C e M, iniciais de Canções Militares, representadas pelo alfabeto fonético internacional, bastante utilizado em radiocomunicação. Elas são entoadas comumente em treinamentos físicos e deslocamentos de tropas em centros de formação, com o objetivo de “manter a cadência, o ritmo, a velocidade e a sincronia dos movimentos dos integrantes” (Costa, 2020, p. 187). Além disso, Guillard e Costa (2018) constataram que elas possuem uma importante influência no desempenho físico dos participantes das atividades físicas, a depender do tema do qual tratam. Souza (2022, p. 94) ainda as registra como “ritos de comunicação da memória da mitologia militar”, desempenhando tal função um papel importante na socialização dos militares.

O trabalho de Costa (2020) é uma revisão de vários estudos feitos no ano de 2018, por alunos de um curso de especialização ocorrido no estado de Goiás. O autor apresenta, ao final do seu texto, um resumo dos achados de pesquisa sobre as canções, conforme segue: a) são entoadas em momentos de dificuldades ou que exigem maior esforço e superação dos militares; b) atuam como fator que confere identidade à experiência vivenciada pelo grupo ou tropa militar; c) são essenciais para o processo de socialização dos ingressantes na instituição, funcionando como canais de transmissão de valores, crenças, ideias e da linguagem própria do ambiente militar; d) fazem parte da memória afetiva individual dos discentes, sendo que uma canção mais significativa para um militar pode não ser a mesma para outro, ainda que ambos tenham passado pela mesma experiência; e) constituem uma ferramenta pedagógica de grande importância para o desenvolvimento motor, afetivo e moral do militar, servindo para comunicar valores militares e formação de identidade coletiva. Os potenciais benefícios desta prática, então, são evidentes.

Haveria, então, algum efeito não vislumbrado ou relatado nestas pesquisas sobre as canções militares? É possível visualizar, ainda que em forma de hipótese, algum risco para a formação dos futuros policiais militares, à medida que as letras dessas canções, como já dito, não são monitoradas ou fiscalizadas, sendo até mesmo improvisadas?

Salley (2015, p. 6), em seu trabalho, lembra que os soldados, em geral, descrevem as cadências ou canções como “uma poderosa experiência, da qual lembram pelo resto de suas vidas⁷. A partir dessa premissa e considerando que, segundo ele mesmo constata, a maioria das canções militares tem cunho sexista, homofóbico e até mesmo racista, o autor se pergunta qual seria o impacto ou reflexo dessas canções na própria cultura militar.

Importante destacar que no Brasil, em geral, não se observam canções militares no padrão *Jodie Calls*. Aqui, as letras possuem uma conotação bem diferente, com ênfase nas ações militares e, em muitos casos, em uma evocação de guerra. Nas palavras de Silva (2011, p. 129), “elas funcionam como ingrediente complementar na construção dos guerreiros”. Alcântara (2018, p. 82), por exemplo, cita uma canção militar⁸ utilizada tanto por integrantes das Forças Armadas quanto das polícias militares para, logo em seguida, concluir que “treinamentos, canções, a convivência com o meio, os valores, os símbolos, todos estes aspectos vão formando a identidade profissional ou identidade no trabalho, num processo dinâmico e constante”. As canções militares brasileiras, portanto, possuem um padrão belicista.

No que tange às polícias militares, nota-se que as Charlie Mike são também um componente importante na construção da identidade dos policiais militares brasileiros, mas que operam de um modo bem diferente das canções militares oficiais. Elas são difusoras de certa “cultura policial” que, nos termos de Poncioni (2014, p. 506), significa o que reflete “as crenças, os preconceitos e os estereótipos produzidos no interior da própria organização policial sobre as experiências concretas e cotidianas de seu trabalho”. Muitas vezes, essa cultura, própria do empirismo e da prática policial não reflexiva, traz valores que não são adequados à doutrina oficial das corporações.

França (2012, p. 94), ao analisar o uso das canções na prática dos cadetes da PMPB, afirma que as suas letras “mostravam que tipo de identidade e de comportamento social era simbolicamente adotado e introjetado pelos alunos”, sendo utilizado inclusive como prática de resistência ao discurso oficial, caracterizado pela tentativa de humanização dos policiais, pela ênfase no respeito às leis e normas, bem como tentativa de prevenção do enaltecimento de qualquer forma de violência. Em oposição, os cadetes reproduziam canções oriundas

⁷ “A powerful experience that they remember for the rest of their lives”.

⁸ A canção citada por Alcântara (2018, p. 81) tem a seguinte letra: “Ei você que está me olhando/ eu não gosto de você/ se continuar me olhando/ vou aí pegar você/ ei você que está me olhando/ com essa cara de assustado/ quer saber de onde eu venho?/ do castelo assombrado/ onde sargento é maluco/ e soldado é aloprado./ o meu coração está cansado de sofrer/ sofrer pela garota que o quartel me fez perder/ mas conheci alguém especial/ o 762 mais conhecido como fal/ a nossa relação é muito diferente/ dou tiro de rajada e, tiro intermitente,/ Me pagaram uma missão/ uma missão um tanto diferente/ de quebrar o capeta e roubar o seu tridente/ a missão foi no inferno/ um terreno muito quente/ me desculpem os covardes/ mas só vai que é valente/ quando entramos no inferno/ ele já estava assustado/ arrancamos o chifre dele/ e ele ficou lá parado”.

do Exército Brasileiro⁹, sempre adaptando o discurso de guerra para retratar uma “guerra citadina, vinculada aos ambientes urbanos” (França, 2012, p. 119). Assim, fica evidente que o conteúdo das canções não passa despercebido pelos discentes; antes, pode ser utilizado para veicular conteúdos, possuindo um grande impacto na constituição de suas subjetividades enquanto policiais.

Guilard e Costa (2018), no trabalho de campo que realizaram com a Polícia Militar de Goiás (PMGO), enaltecem os benefícios da prática das canções militares durante os treinamentos físicos e constataram que os temas favoritos dos alunos do curso de formação de soldados PM são os que tratam da própria PMGO; verificaram ainda que os temas recorrentes nas canções são:

motivacionais; histórias verídicas, fictícias e cômicas; tratam de tropas especializadas, realização de sonhos, operações especiais, atuações policiais; forças armadas; e em sua minoria algumas contendo falas relacionadas a prender traficantes, adentrar favelas, prender bandidos, morte e destruição (Guilard; Costa, 2018, p. 168, grifos nossos).

Como citado acima, algumas canções militares falam de morte e destruição, entre outros temas, a exemplo da canção observada por Alcântara (2018). Pereira (2002), na análise que realiza de cursos de formação de policiais e bombeiros militares do estado do Rio de Janeiro, bem como dos fuzileiros navais que treinavam naquele mesmo estado, chama as Charlie Mike de “canções de guerra”. O autor argumenta que, por mais que haja uma política de segurança pública e um currículo que forma um “discurso oficial”, na prática, o discente está sujeito ao processo de socialização e de formação de seu *ethos* policial militar e, ao entoar as canções diariamente, acaba internalizando um discurso diferente daquele ministrado em sala de aula e previsto nas matrizes curriculares oficiais. Tal argumento leva ao conceito de “currículo oculto”, que será visto a seguir.

3. O Currículo Oculto e a Formação de Policiais Militares

O tema do currículo oculto é recorrente nas discussões que se dão no campo da educação. O conceito dá conta de uma preocupação com o que acontece nos espaços escolares, ainda que de forma não prevista ou planejada, e que possui efeitos substanciais na formação dos discentes.

⁹ Entre as canções observadas por França (2012, p. 119) e citadas em seu trabalho, destaca-se o seguinte trecho: “e este sangue é muito bom/ já provei não há perigo/ é melhor do que café/ é o sangue do inimigo”.

O fenômeno foi mapeado pela primeira vez na obra de Philip Jackson, chamada *Life in Classrooms* — em português, *A Vida nas Salas de Aula* —, publicada originalmente em 1968. Segundo Magalhães e Ruiz (2011), Jackson vislumbrou características peculiares no ambiente escolar, relacionadas a um conjunto de rotinas que moldam os hábitos dos alunos, bem como um sistema de elogios e censuras por parte dos professores, que acabam por destacar aqueles que melhor se adaptam ao que é insidiosamente imposto. Isso culmina com uma categorização dos discentes, construindo as identidades dos bons e maus alunos.

O currículo oculto, ainda para Jackson (2001), constitui aquilo que discentes e docentes também devem saber manejar, caso queiram obter sucesso acadêmico. Trata-se, portanto, do conjunto de regras de um jogo que ocorre de forma implícita. Para Costa (2009, p. 53), o currículo “lida com os modos tácitos pelos quais os conhecimentos e atitudes vão sendo construídos, fora ou dentro dos conteúdos e lições previamente agendadas”. Silva (2009) arremata, afirmando que parte da eficácia dele vem justamente do fato de estar oculto, bem como que ele se manifesta por meio de rituais, regras e normas, ensinando uma série de valores indesejáveis. Neste sentido, uma tarefa importante para os educadores e pesquisadores críticos seria torná-lo visível.

Um ponto interessante é apontado por Magalhães e Ruiz (2011), que tratam da relação entre currículo oculto e estigma. Para os autores, aplica-se ao caso a formulação teórica de Rosenthal e Jacobson, que criaram a expressão “profecia autorrealizante”, relacionada às expectativas que são criadas pelos professores sobre os discentes, e acabam influenciando no seu desempenho, “de tal maneira a produzir o idealizado inicialmente pelo professor” (Magalhães; Ruiz, 2011, p. 136). Assim, concluem os autores, o resultado do aluno não é fruto apenas do seu esforço individual. Esse fenômeno é chamado por Rosenthal de “Efeito Pigmaleão”, que possui esse nome “em referência ao mitológico escultor que gostou tanto de uma de suas criações que os deuses decidiram dar vida à estátua” (Bregman, 2021, p. 249).

Na valoração do currículo oculto, não há consenso entre os pesquisadores. Para Costa (2009), ele não deve ser retratado como necessariamente negativo, apenas como prejudicial à aprendizagem. O currículo, por meio de discursos não oficiais, estruturas físicas da escola e outros elementos, conforma valores, atitudes e comportamentos que podem ser úteis ao aluno. Como destaca Moreira (1997, p. 14), ao citar a obra do estadunidense Michael Apple, “o conceito de currículo oculto aponta para o fato de que o ‘aprendizado incidental’ durante um curso pode contribuir ainda mais para a socialização do estudante” do que o seu próprio conteúdo oficial.

Para Neto (2017), por sua vez, o currículo oculto “pode ser entendido como a parte obscura da formação, a que se destoa de uma instrução democrática cidadã”. Neste sentido,

tem ao seu lado Balestreri (2003, p. 47), que faz uma importante reflexão sobre a questão do currículo oculto na formação dos policiais:

A lógica da guerra é, portanto, reducionista, deslocada institucionalmente, equivocada e ceifadora da consciência de dignidade e importância pedagógica da missão policial. É, no entanto, o ‘currículo oculto’ que ainda transversaliza a formação de muitos policiais militares [...], assim como boa parte das relações interpessoais nos quartéis e nas ruas.

Apesar da profusão de trabalhos que dão conta do currículo oculto na formação escolar civil, ainda são poucos os trabalhos que discutem a fundo o currículo oculto na formação dos policiais, especialmente dos militares. Tal fato se dá, talvez, pela falta de acesso aos ambientes nos quais ocorre a formação ou pela especificidade do tema. Sabe-se que o ensino militar possui peculiaridades e que o seu modelo de formação não é análogo ao sistema civil¹⁰. Entretanto, o conceito parece dar conta de fenômenos muito semelhantes que ocorrem na formação policial. Oliveira e Romeu (2019, p. 86), que também ressaltam a escassez de pesquisas que abordem esse fenômeno, nos cursos que ocorrem na caserna, afirmam que “o instrutor é idealizado como modelo ideal de soldado, e que, através do recurso da exemplaridade, deve ser referência para o educando”, o que aumenta ainda mais a preocupação com os aspectos informais das ações educativas.

Para a Secretaria Nacional de Segurança Pública (Senasp), a necessidade de reflexão sobre o currículo oculto foi uma escolha importante na construção da Matriz Curricular Nacional para ações formativas dos profissionais da área de segurança pública (Brasil, 2014), já que, segundo o documento oficial, ele está “presente nos rituais, práticas, relações hierárquicas, regras e procedimentos, nos modos de organizar o espaço e o tempo da escola, e que conformam saberes não desejados no cotidiano escolar” (Brasil, 2014, p. 17).

Por que, então, o currículo oculto deve ser visto como uma preocupação na formação dos profissionais de segurança pública? O ponto problemático é que, muitas vezes, ele contrasta com o currículo oficial, o qual foi planejado e formatado de forma cuidadosa e intencional, com base em um conjunto de teorias e na visão do egresso que se quer formar. Enquanto modo de circulação de discursos, o currículo oculto pode reforçar valores e costumes que se quer desconstruir ou impedir a produção de subjetividades adequadas a policiais de uma sociedade democrática. Isso conduz a discussão, novamente, à questão das canções militares.

¹⁰ Neste sentido, vale lembrar que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, faz uma concessão ao ensino militar, ao afirmar, em seu artigo 83 que “o ensino militar é regulado em lei específica” (Brasil, 1996).

4. As Canções Militares Como Veículo do Currículo Oculto

As canções militares, como já visto, permitem a circulação de discursos. Pelo fato de não serem planejadas e contarem com a espontaneidade, bem como em virtude do momento em que são entoadas, o qual ocorre durante o deslocamento dos discentes em atividades físicas, em uma verdadeira sala de aula itinerante (Hirakawa, 2022), possuem pouca supervisão.

Em que pesem as normas internas, que geralmente proíbem canções com conteúdo discriminatório ou contrário aos objetivos do curso de formação de policiais, a fiscalização da regra, em geral, fica a cargo do instrutor da disciplina de educação física ou daquele que esteja conduzindo o treinamento físico ou corrida. Se este responsável não estiver realmente cioso da necessidade de evitar os discursos nocivos por meio das canções, eles serão veiculados livremente.

A partir dessa constatação, levanta-se a seguinte questão: seria intencional, por parte de algum gestor, o *laissez-faire* que ocorre em relação às canções militares ou trata-se apenas de um *locus* mal iluminado, ou seja, de um problema pouco identificado que, exatamente por isso, não gerou ainda preocupação efetiva? Dito de outra forma, seria a circulação de conteúdos nocivos por meio das canções militares parte de uma estratégia sub-reptícia para subverter o ensino oficial pretendido? Conforme o que observam Pires e Albernaz (2022, p.242), referindo-se à formação dos policiais militares do estado do Rio de Janeiro, as “canções de guerra” chegaram a ser proibidas por comandantes considerados “progressistas”, mas, em caso de mudança de comando, “as referidas canções sempre acabam sendo restabelecidas na rotina da unidade de ensino, depois de banidas por um certo período de tempo”. Assim, ratifica-se a conclusão de que não há uma uniformidade na fiscalização das canções.

O que resta mapeado nos cursos de formação profissional de policiais militares é que existem processos informais, liderados por docentes ou mesmo por alunos, que promovem socialização e produção de subjetividades não previstas na matriz curricular ou nos planos pedagógicos. Hirakawa (2022, p. 42), por exemplo, comenta, ao se referir aos cursos de formação da Polícia Militar do estado do Rio de Janeiro, que “não é somente o conhecimento teórico que predomina no planejamento e na programação do ensino nesses espaços”. Pelo contrário, continua o autor, “um conjunto de valores normativos, intrínsecos à cultura organizacional [...] são reproduzidos nessas relações ditas educacionais”. Espera-se, portanto, que o aluno padrão se adapte a esse conjunto de regras informais.

Retomando o ponto de Magalhães e Ruiz (2011), pode-se levantar a hipótese de que o efeito relacionado às expectativas entra em ação na questão das canções militares. Os discentes, individualmente, devem “vibrar”, ou seja, cantar com energia e emoção, na fun-

ção de “puxador” ou repetindo, no pelotão, as canções militares que, por vezes, veiculam discursos de guerra ou contrários à doutrina oficial. À medida que o fazem, são vistos como “vibradores” e “operacionais” — ainda que esses termos sejam pouco problematizados¹¹ —, e assim se tornam, de fato, internalizando o conteúdo das canções. Dito de outra forma, quanto mais as canções são entoadas com empolgação, melhor se assimilam os seus conteúdos, qualquer que sejam eles, até porque “a música é um ramo da arte que, mesmo sem percepção, sem intenção, é componente fundamental na educação informal” (Gonçalves, 2020, p.16). Assim, a socialização proporcionada pelas Charlie Mike, que possuem conteúdo muitas vezes contrário aos ensinamentos oficiais, seria voltada à adaptação dos discentes a uma “cultura policial” (Poncioni, 2014) adequada ao que já existe na “rua” (Silva, 2011), em um sistema que se retroalimenta.

Toda a questão, que poderia girar apenas em torno do caráter espontâneo e sem supervisão das canções militares, ou mesmo do “efeito Tropa de Elite”, abordado no início deste artigo, o que já seria problemático, agrava-se pelo fato de haver, na verdade, um grande fluxo de troca de informações por meio das redes sociais na internet. Existem várias comunidades virtuais que veiculam canções, as quais são reproduzidas e adaptadas por discentes de diversos cursos. Em uma coletânea de canções para Treinamento Físico Militar (TFM), que é comercializada em uma grande loja virtual¹², o vendedor anuncia:

Esta coletânea foi cuidadosamente criada para fornecer uma coleção completa, tanto para militares da ativa, quanto para aqueles que estão se preparando para se tornarem agente de segurança pública. Chega de buscar canções aleatoriamente, agora você terá acesso a centenas de canções de TFM organizadas em categorias estratégicas, para puxar nas corridas e motivar sua tropa.

Continuando o argumento, apenas a título de ilustração, uma única página virtual, chamada de *Infantarianos*, possui, como ela mesma anuncia, mais de 500 mil assinantes inscritos no seu canal no *Youtube*, mais de 350 mil no *Tik Tok*, mais de 200 mil no *Facebook* e 150 mil no *Instagram*. Um dos vídeos dessa comunidade mostra um pelotão, que parece ser de militares do Exército Brasileiro, durante uma corrida em grupo. Nele, o “puxador” canta: “porque eu sou infante/ em becos e vielas, vou matando traficantes/ becos e vielas não se varre com vassoura/ se varre com granada e tiro de metralhadora”; os

¹¹ Segundo Silva (2011, p. 59), “para os nativos, o policial militar é ‘de rua’ quando apresenta características como a astúcia policial que o afasta do comportamento emotivo típico do militar e o conduz à racionalidade fria do policial, ao contrário do que ocorreria com o “caxias” e com o “vibrador”, que estão mais próximos da caserna”.

¹² Anúncio disponível em: AMAZON. Coletânea canções de TFM. 19 out. 2023. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Colet%C3%A2nea-can%C3%A7%C3%A7%C3%85es-TFM-Cad%C3%A1ncia-Militar-ebook/dp/BoCLGN8LDQ>. Acesso em: 12 maio de 2024.

demais integrantes da tropa, reproduzem os versos, com energia. O vídeo, disponibilizado no *Instagram*¹³, contava com 5.141 curtidas no momento em que foi visto. Os efeitos de reprodução pelos canais virtuais, entretanto, são ampliados de tal forma que seria necessária uma nova pesquisa para mensurar.

Talvez por isso, já existam algumas iniciativas no sentido de produzir materiais oficiais, inclusive aplicativos para smartphones, que contenham canções militares, as quais possam servir como recurso alternativo de consulta. Nogueira (2021, p. 21-22), por exemplo, sugere a criação de um aplicativo com canções que, segundo sua proposta, poderiam ser “executadas na hora dos treinamentos físicos coletivos, ou mesmo para que sejam escutadas durante um treinamento individual, a fim de trazer motivação para o usuário que esteja praticando o exercício”. Desta forma, haveria um maior controle do conteúdo das canções, fornecendo, ao menos, uma fonte oficial, na qual os discentes possam buscar inspiração. Ainda no campo da sugestão, acrescenta-se que poderia ser realizada, entre os discentes, alguma dinâmica ou jogo que os incentivasse a criar, de forma cooperativa e sob supervisão, canções militares adequadas, de modo a alimentar um repositório do centro de formação.

Como o filósofo francês Michel Foucault ensinava, o poder é um conjunto de relações que se expande como em uma rede, passando pelos indivíduos que, por sua vez, estão sempre em condições de sofrê-lo ou exercê-lo. Neste sentido, não existe espaço isento de poder, sendo que este poder não se confunde com o Estado, tampouco se resume a ele (Foucault, 2005). Assim, é totalmente factível que, na ausência de regulamentação e controle das canções militares por parte da administração da formação policial militar, outras forças de influência entrem em ação, podendo colocar em risco todos os esforços feitos em busca de uma educação profissional de segurança pública com excelência. Assim, este trabalho espera chamar a atenção para a questão das canções militares, como campo sobre o qual deve haver ações efetivas, com o fim de garantir a qualidade da formação em todos os seus aspectos.

Considerações Finais

Compreender a importância das canções militares, dando a elas o devido valor que possuem na constituição da subjetividade do policial militar, especialmente durante a formação inicial, é fundamental. Nesse sentido, o estudo sobre sua origem e efeitos permite vislumbrar que não se trata de uma prática aleatória ou sem razão de existir, e, ainda menos, inócuia.

¹³ INFANTARIANOS. EXISTEM QUATRO FORÇAS! Rio de Janeiro, 18 abr. 2025. Instagram: @infantarianos. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/C5tDVDOro3o/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 12 maio 2024.

O enfoque nas canções, a partir do conteúdo presente em suas letras, permite a reflexão sobre o currículo oculto, que tem se tornado uma preocupação cada vez maior de educadores e pesquisadores em educação, que têm percebido que a transmissão de valores e comportamentos, bem como a própria socialização dos discentes, ocorre por meio de processos informais os quais, muitas vezes, não estão mapeados. Neste sentido, tornar visível esse currículo oculto se torna um desafio a ser realizado por aqueles que buscam a excelência no ensino.

As canções militares constituem, como foi visto, um campo de circulação de discursos e aprendizagem de valores que, por vezes, contrariam aquilo que é preconizado pelas matrizes curriculares e doutrinas oficiais. Por serem entoadas, na maioria das vezes, em campo aberto e durante deslocamento, além de contarem com a informalidade e espontaneidade dos discentes, necessitam de mecanismos de regulação.

Os motivos pelos quais as canções entoadas por militares brasileiros tornaram-se tão diferentes daquele modelo estadunidense exposto aqui podem ser alvo de estudos que enfatizem o seu belicismo em contraste com aquelas, não sendo este o objeto deste trabalho.

Tendo em vista ainda o fato de que existem, atualmente, diversas fontes na internet que funcionam como verdadeiros difusores de canções, cria-se o desafio de que as academias de polícia e centros de formação criem canais alternativos de compartilhamento de canções com conteúdos adequados à formação policial que se almeja.

O momento da formação policial inicial é de grande importância para a construção da identidade profissional daqueles que ingressam na instituição. Ela deve contemplar o máximo de acontecimentos que ocorrem nos espaços acadêmicos, levando em consideração os aspectos formais, mas também os informais e de socialização do discente. Este, talvez, seja um dos caminhos para a excelência no ensino e uma das ferramentas para a construção de uma polícia democrática e de qualidade.

Referências

ALCÂNTARA, Daniele de Sousa. “**Muito mais que segurança**”: identidade profissional de policiais militares do Distrito Federal a partir de suas representações sociais. Curitiba: CRV, 2018.

AMAZON. **Coletânea canções de TFM**. 19 out. 2023. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Colet%C3%A2nea-can%C3%A7%C3%B5es-TFM-Cad%C3%A3o-Militar-ebook/dp/BoCLGN8LDQ>. Acesso em: 12 maio de 2024.

BALESTRERI, Ricardo Brisolla. **Direitos humanos**: coisa de polícia. Edições CAPEC. Passo Fundo: Gráfica Editora Berthier, 2003.

BLANCO, Mercedes. **¿Autobiografía o autoetnografía?** Desacatos, Ciudad de México, n. 38, p. 169-178, abr.2012. Disponível em: <https://www.scielo.org.mx/pdf/desacatos/n38/n38a12.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2025.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 1996.

BRASIL. Ministério da Defesa. **EB70-MC-10.212: Operações Especiais**. 3. ed. Brasília, DF, 2017.

BREGMAN, Rutger. **Humanidade**: uma história otimista do homem. Tradução de Cláudio Carina. São Paulo: Planeta, 2021.

BURNS, Richard Allen. **Where is Jody now? Reconsidering Military Marching Chants**. In: ELIASON, Eric Alden; TULEJA, Ted. *Warrior Ways: Explorations in Modern Military Folklore*. Colorado: Utah State University Press, 2012.

CARVALHO, V. M. D. **Observações acerca da música militar na Guerra do Paraguai**. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 1-24, . 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/3237775/Observa%C3%A7%C3%B5es_acerca_da_m%C3%A3sica_militar_na_Guerra_do_Paraguai. Acesso em: 23 maio 2024.

CHAGAS, Josuelton. **Rotam chega aos três anos de criação com resultados expressivos na segurança pública**. Polícia Militar do Pará, 05 abr. 2023. Disponível em: <https://www.pm.pa.gov.br/component/content/article/80-blog/news/4304-rotam-chega-aos-tres-anos-de-criacao-com-resultados-expressivos-na-seguranca-publica.html>. Acesso em: 02 set. 2025.

COSTA, Leon Denis da. **As canções militares em treinamentos policiais:** revisão de estudos do Comando da Academia da Polícia Militar de Goiás. Revista do Instituto Brasileiro de Segurança Pública (RIBSP), v. 3, n. 6, p. 186-196, 2020. Disponível em: <https://revista.ibsp.org.br/index.php/RIBSP/article/view/71/71>. Acesso em: 03 abr. 2024.

ELLIS, Carolyn; ADAMS, Tony E.; BOCHNER, Arthur P. **Autoetnografia:** un panorama. Astrolabio, n. 14, p. 249-273, 2015. Disponível em: <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/astrolabio/article/view/11626>. Acesso em: 25. jun. 2024.

FERMEIRO, G. **Papel das canções revolucionárias na formação da consciência patriótica nas forças armadas de Moçambique (1964 – 1990).** Revista Trilhos, Santo Amaro, Bahia, v. 4, n. 1, p. 176–188, 2024. Disponível em: <https://revistatrilhos.com/home/index.php/trilhos/article/view/143>. Acesso em: 4 jul. 2025.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Tradução e organização de Roberto Machado. 21 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

FRANÇA, Fábio Gomes de. **Disciplinamento e humanização:** a formação policial militar e os novos paradigmas educacionais de controle e vigilância. 2012. 163 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

FREITAS, Rodrigo Filgueiras de. **A influência da música militar no Exército Brasileiro durante a guerra do Paraguai.** 2022. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Militares) - Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, 2022. Disponível em: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/11048/1/3366%20Filgueiras.pdf>. Acesso em: 23 maio 2024.

GONÇALVES, Sebastião Rodrigues. **Influência da música na formação da subjetividade humana.** Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2020.

GUILARD, Ludmylla Cristina; COSTA, Denis Leon da. **As canções militares como instrumento didático para o treinamento e formação profissional de policiais na Polícia Militar do Estado de Goiás.** Revista Brasileira de Estudos da Segurança Pública (REBESP), v. 11, n. 1 2018. Disponível em: <https://revista.ssp.go.gov.br/index.php/rebesp/article/view/342/171>. Acesso em: 03 abr. 2024.

HIRAKAWA, Leonardo Fernandes. “**Ser ou não ser**”: notas sobre a “caveirização” da pedagogia informal na Polícia Militar do Rio de Janeiro. *Cadernos de Segurança Pública* - Ano 14, n. 14 dezembro de 2022. Disponível em: https://www.isprevista.rj.gov.br/revista14/Revista14_Cadernos/6-%20Ser%20ou%20n%C3%A3o%20ser_Hirakawa.pdf. Acesso em: 14 maio 2024.

INFANTARIANOS. EXISTEM QUATRO FORÇAS! Rio de Janeiro, 18 abr. 2025. Instragram: @infantarianos. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/C5tDVDOr03o/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 12 maio 2024.

JACKSON, P. W. **La vida en las aulas**. 4. ed. Madrid: Morata, 2001. Disponível em: <https://www.uv.mx/mie/files/2012/10/lavidaenlasaulas.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2024.

LISBOA, Rodney; MONTENEGRO, Fernando. **Kid Preto**: guerra irregular e a evolução histórica das operações especiais do Exército Brasileiro. Rio de Janeiro: Ubook Editora, 2021.

LOCONTO, David G.; CLARK, Timothy W.; WARE, Patrice N. **The diaspora of West Africa**: the influence of west african cultures on “jody calls” in the United States Military. *Sociological Spectrum*, v. 30, n. 1, p. 90-109, 2009. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02732170903340919>. Acesso em: 30 mar. 2024.

MAGALHÃES, Rita de Cássia Barbosa Paiva; RUIZ, Erasmo Miessa. **Estigma e currículo oculto**. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 17, p. 125-142, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/NkmxGbZTdgVWP4JCtFZY4KG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 abr. 2024.

MENEZES, Cynara. **Íbis, o coronel comunista da PM**. Socialista Morena, 04 jul. 2017. Disponível em: <https://www.socialistamorena.com.br/ibis-o-coronel-comunista-da-pm/>. Acesso em: 16 mar. 2025.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. **Currículo, utopia e pós-modernidade**. In: MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa (org). *Currículo: questões atuais*. Campinas: Papirus Editora, 1997.

NASCIMENTO, Aline Ribeiro. **De Auschwitz a Tropa de Elite**: modulações do estado de exceção? *Mnemosine*, Rio de Janeiro, v. 4, n.2, p. 115-150, 2008. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/article/view/41450/pdf_136. Acesso em: 16 mar. 2025.

NETO, Marcelino Soares de Melo. **Curriculos ocultos nos cursos de formação de soldados e da PMBA**: um estudo qualitativo. 2017. Trabalho de conclusão de curso (Especiali-

zação em Prevenção da Violência, Promoção da Segurança e Cidadania). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2017. Disponível em: https://dspace.mj.gov.br/bitstream/1/4163/1/Curr%C3%ADculos%20ocultos%20nos%20cursos%20de%20forma%C3%A7%C3%A3o%20de%20soldados%20da%20PMBA_um%20estudo%20qualitativo.pdf. Acesso em: 15 maio 2024.

NOGUEIRA, Anderson Oliveira. **Em cada instante da vida nossa polícia militar será sempre enaltecida em sua glória secular** – o resgate das tradições por meio da tecnologia: aplicativo toques e canções militares. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Ciências Policiais). Instituto Superior de Ciências Policiais. Brasília, 2021.

OLIVEIRA, Luciana Rodrigues de; ROMEU, Simone Duque. **Quem descobriu o currículo oculto?** Uma reflexão sobre formação na PMERJ. *Giro do Horizonte*, v. 6, n. 1, p. 92-106, 3 maio 2019. Disponível em: <http://www.ebrevistas.eb.mil.br/GH/article/view/2237/1808>. Acesso em: 12 maio 2024.

PEREIRA, Carlos Eduardo Milagres. **“Canções de Guerra”**: um signo bélico na formação do policial militar do Estado do Rio de Janeiro. 67f. Monografia. (Curso de Especialização em Políticas Públicas de Justiça Criminal e Segurança Pública). Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: https://www.academia.edu/10011480/Can%C3%A7%C3%B5es_de_Guerra_UFF. Acesso em: 14 maio 2024.

PIRES, Lenin dos Santos; ALBERNAZ, Elizabete Ribeiro. **“Na teoria, a prática é outra coisa!”**: socialização “escolar”, estrutura bipartida e conflitos na Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ). *Revista Brasileira de Segurança Pública*, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 232–251, 2022. DOI: 10.31060/rbsp.2022.v16.n1.1397. Disponível em: <https://revista.forumseguranca.org.br/index.php/rbsp/article/view/1397>. Acesso em: 23 maio. 2024.

PONCIONI, Paula. **Identidade profissional policial**. In: LIMA, Renato Sérgio de; RATTON, José Luiz; AZEVEDO, Rodrigo Ghiringhelli de (Orgs.). *Crime, justiça e polícia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014.

REZENDE, Thais; AZEVEDO, Gabriela. **PMs de elite do Pará cantam ‘arranca a cabeça e deixa pendurada’ em aniversário da tropa**; veja vídeo. *G1 Pará*, 03 ago. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2019/08/03/em-video-polemico-policiais-de-elite-da-pm-do-para-cantam-arranca-a-cabeca-e-deixa-pendurado.ghtml>. Acesso em: 16 mar. 2025.

SÁ, Leonardo Damasceno de. **Os filhos do Estado**: auto-imagem e disciplina na Formação dos Oficiais da Polícia Militar do Ceará. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/ UFRJ, 2002.

SALLEY, Travis G. **Sound-off! An Introduction to the Study of American Military Marching Cadences**. Masters Theses. 243, 2015. Disponível em: https://scholarworks.umass.edu/masters_theses_2/243/. Acesso em: 30 mar. 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SILVA, Robson Rodrigues da. **Entre a caserna e a rua**: o dilema do “pato”: Uma análise antropológica da instituição policial militar a partir da Academia de Polícia Militar D. João VI. 2009. Niterói: Editora da UFF, 2011.

SOUZA, Emanuel. **O fim foi em Goiás**: rito como memória do mito entre militares. Revista Brasileira de Segurança Pública, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 90–103, 2022. DOI: 10.31060/rbsp.2022.v16.n2.1318. Disponível em: <https://revista.forumseguranca.org.br/index.php/rbsp/article/view/1318>. Acesso em: 22 abr. 2024.

THOMAZ, Kleber; HONÓRIO, Gustavo. **PM investiga militares que cantaram música de exaltação ao Massacre do Carandiru**: ‘Só tinha lixo, cabeças arrancadas’. G1 São Paulo, 09 jul. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/07/09/pm-investiga-militares-que-cantaram-musica-de-exaltacao-ao-massacre-do-carandiru-so-tinha-lixo-cabecas-arrancadas-video.ghtml>. Acesso em: 16 mar. 2025.

Anderson Duarte Barboza
(adb.duarte@yahoo.com)

Capitão da Polícia Militar do Ceará. Doutor em Educação Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará.

 <https://orcid.org/0000-0002-4815-1348>

Recebido: 04/07/2025

Aprovado: 02/09/2025

Editor responsável: Carolina Luz